S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 24 de fevereiro de 1912 — ANNO XI — NUMERO 127

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLÉRICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

EM VOLTA DO CASO IDALINA

Relembrando factos passados que ainda são de hoje — Collegas que nos apoiam — Palavras de animaçao — Como sempre: Onde está Idalina? — Consagrando o padre Faustino.

Uma divida

Era um domingo.

Em uma grande sala de um predio da rua da Constituição, no Rio, ahi por volta de 2 horas da tarde de um dia cálido do mez de março, 19 do calendario Gregoriano, uma multidão de homens. algumas centenas, esperava, anciosa, ouvir a palavra dos oradores que deviam tratar de um caso sensacional que vinha agitando a opinião publica já ha algum tempo.

Era um comicio convocado pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro para protestar e pedir justiça contra crimes nefandos commettidos nas pessoas de crianças asyladas em um estabelecimento de caridade, paulista, mantido por padres catholicos e subvencionado pelos governos — paulista e italiano.

O que foi este comicio todos aquelles que a elle assistiram podem dize-lo: foi um vibrante, um unanime sentimento de repulsa e protesto contra a maneira vergonhosa de agir dos protectores dos criminosos do maldito asylo.

O povo, o verdadeiro povo que trabalha, de mãos calosas, pela voz rude, porém sincera dos seus oradores, a cuja classe pertencia a desventurada Idalina, fazia sentir a sua colera e a sua indignação, cuspindo na face dos seus torturadores a vileza do seu proceder.

Entre a multidão destacava-se um senhor corretamente vestido, tendo ao seu lado um menino de cerca de dez a doze annos.

Notei que por vezes levava aos olhos o lenço e que seu peito arfava convulso.

Uma especie de sympathia attrahia o meu olhar para o homem que assim chorava.

E' talvez algum pai extremoso, pensei, uma alma sencivel, um coração ainda não pervertido pelo meio em que vive e que vem educar o filho nesta lição de cousas que é uma reunião de homens sedentos de justiça.

Succederam-se os oradores. De repente viu-se este homem levantar-se, tendo á mão o pequeno, subir ao palco onde nos achavamos, os da commissão, e pedir para falar-nos.

Estupefacção! Surpresa!

Era Domingos Stamato com Socrates, o tutor e o irmão de Idalina que acabavam de chegar da Bahia a chamado da justiça de S. Paulo!

Passado o primeiro momento de perplexidade, apresentamos ao publico um e outro.

Quasi um anno depois, ainda tenho presente a scena commovedora que se desenrolou aos nossos olhos.

Quando do proscenio o menino Socrates pronunciou, a nosso pedido, em voz alta, as palavras: — Eu sou o irmão de Idalina, — o publico como movido por uma mola poz-se de pé e um trovão de vozes reboou por toda a sala!

Todos protestavam, queriam sair á rua, levando á frente Domingos e Socrates, clamar, clamar por justiça.

Ir aos jornaes, ao governo; mostrar ao povo, emfim, a revolta que lhes ia nalma diante de tão nefando crime!

A muito custo pudemos calmar os animos.

Um amigo nosso, altamente collocado, aventou então a ideia de, no dia seguinte, irmos com Domingos e Socrates ao chefe da nação.

Nesse dia, ás 2 horas da tarde, achamo-nos todos reunidos na porta do *Jornal do Commercio*. Subimos á sua redacção e ahi apresentamos ambos a um redactor, relatando ao mesmo tempo a esse senhor o drama que se conhece. Depois seguimos para o Cattete, sendo recebidos pelo presidente da Republica.

S. exc., depois de ouvir-nos, prometteu fazer o possivel em favor da causa que defendiamos.

Quanto á folha acima referida, qual não foi a nossa estupefacção ao lermos a sua edição da tarde.

Era uma diatribe que um reporter, destes typos desbriados para quem a mentira e o insulto são armas prediletas, atirava sobre todos nós para servir á sacristia de que é producto genuino.

Dizia entre outras cousas, só dignas delle, que um nosso companheiro, artista conhecedor do palco, tinha arranjado a scena com todos os *matadores* e que não comprehendia como o governo e a policia permittiam que se andasse a exhibir uma criança nas ruas do Rio, só para servir ao odio dos anticlericaes.

Resolvemos não responder ao insulto. Elle era grosseiro de mais, pequenino como o seu autor.

Quando, entretanto, este alcoolico foi a bordo do «Minas», a tremer de medo, nada aprendeu com o cavalheiresco negro, o marujo João Candido!

E' que a alma de um é grande e generosa, a do outro, pequena e cobarde.

No emtanto, fique o biltre e os seus iguaes avisados de que é esta uma divida que não julgaremos saldada para com Domingos Stamato, num compromisso contrahido no palco do Centro Gallego, no dia 19 de março de 1911, emquanto não for esclarecido este caso, e que havemos de clamar, clamar, clamar sempre:

ONDE ESTÁ IDALINA, PADRE CONSONI?

Ainda tereis a coragem, só digna de um padre catholico, de escarnecer da dor de um pai, ó monstro, depois da sentença que vos desmascarou e aos sinistros farçantes vossos coniventes?

Se ella tivesse sido contra nós, como não terieis atordoado os ares com o trombetear da vossa imprensa!

Sois uns mystificadores e para isso vos servis dos mais grosseiros expedientes.

A que ficam reduzidas, depois do *veredictum* do jury, as fabulas de Maria Luiza e Itala Fonte?

E' preciso inventar outras.

Faustino, Faustino, que fizeste da desventurada criança, da infeliz filha do povo Idalina de Oliveira?

Oh! maldição, maldição sobre vós e sobre todos aquelles que vos cobrem com a sua protecção!

Carlos A. de Lacerda.

Rio, 19 de março de 1912.

O que diz a imprensa

O nosso presado companheiro de lutas *O Livre Pensador* dedica-nos amavelmente as seguintes linhas:

Onde está Idalina?

OS NOSSOS PARABENS

Damo-los, com a maxima effusão com a mais intensa alegria, aos nossos collegas da *Lanterna* e da *Battaglia* por verem os seus nobres esforços empregados com tanta abnegação e desinteresse em prol da verdade no infausto caso Idalina, rodeados de pleno exito.

O tribunal, pela bocca de seus juizes, acaba de patentear que a infeliz menina não foi retirada do Orfanato e que a mulher que os padres dizem ter sido a sonegadora da orfã está provado que não existe, que é uma personagem fantastica.

Esperamos agora que o tribunal, para honra de S. Paulo, pronuncie os padres responsaveis pelo desapparecimento, ou sumiço, da infeliz orfã e os obrigue a prestar contas do crime de que são accusados.

E mesmo que justiça se faça, não será sinão devido á acção heroica daquelles dois jornaes que, com um desassombro tão pouco commum, arrostando todos os perigos, vencendo todos os empecilhos, oppostos pela clericanalha mancomunada com a policia, conseguiram impressionar e interessar vivamente uma população de alguns milhões como a do Estado de S. Paulo, que severa e insistentemente pergunta aos clericaes:

— Onde está Idalina?...

Declarações de solidariedade

«Sr. Edgard Leuenroth:

Congratulo-me com v. pela victoria alcançada na campanha contra os pulhas do Orfanato sinistro, pois pela decisão do Tribunal do Jury da capital ficou eternamente provado que a infeliz Idalina jámais saiu desse antro tenebroso.

Villa Olympia, 14 — 2 — 912.
José Hilario dos Santos.»

***

«Sr. Edgard Leuenroth:

Effusivas saudações. Felicito-o calorosamente por mais uma victoria alcançada sobre o caso Idalina.

S. Paulo, fevereiro de 1912. — *João Medeiros Coimbra.*»

***

«Aos incansaveis lutadores da *Lanterna* patenteamos a nossa solidariedade e enviamos-lhes os nossos parabens pelo recente triumpho alcançado no caso Idalina.

Nosso voto é que desappareça essa seita peçonhenta que enlameia a sociedade com os seus crimes e devassidões.

Rio, 12 — 2 — 912. — *Manuel Esteves* e *Hygino Alves.*»

***

«Caro camarada:

Abraço-vos pela recente victoria que acabais de alcançar contra essas aguias negras, devoradoras da infancia do Orfanato.

Rio, 12 — 2 — 912. — *Manuel Joaquim Fernandes.*»

***

«Sr. Edgard:

Venho por meio desta congratular-me comvosco pela nova phase do caso Idalina, que os padrecos tentam abafar.

Reconhecendo em vós um batalhador da justiça, não posso nem devo deixar de cumprimentar-vos pelo ultimo triumpho alcançado.

Ribeirão Preto, 6 — 2 — 912. — *André Castiglione.*»

***

«Presado amigo Edgard:

Acceitai um abraço e parabens pela victoria alcançada com a judiciosa decisão do jury dessa capital, que desfez as torpes falsidades apresentadas como provas pelos padres no caso Idalina.

De accordo com a decisão dos juizes que o compuzeram, homens de caracter independente e dignos de applausos, terá o tal padre Faustino de occupar o banco dos reus, assim como outros da sua quadrilha.

Avante, caro companheiro, que um dia cantaremos o hymno da victoria, vendo por terra a torpe caterva que rouba-nos a todo o momento a honra, a saude, o tempo, o dinheiro.

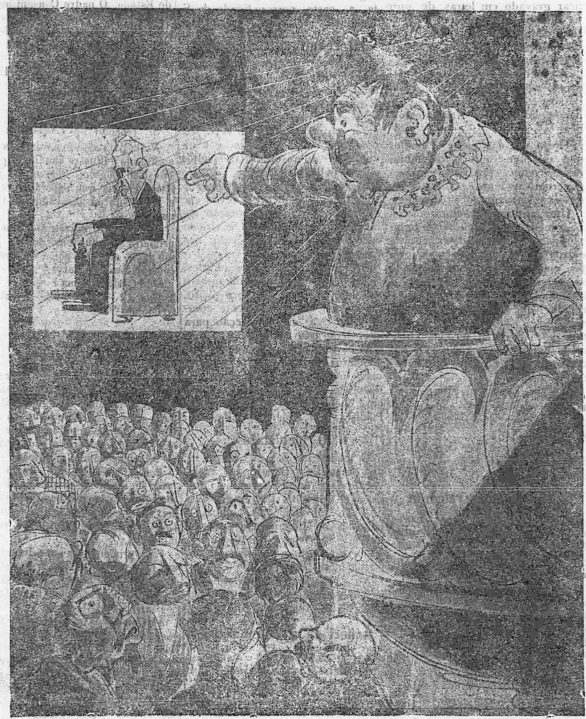
S. Rita de Cassia, 12—2—912. — *Tobias Augusto Falltmos.*»

(SEGUE NA 2.ª PAGINA)

Os caracteres adquiridos (sentimentos patriotico e religioso) resultam duma especie de epidemia ou contagio. Basta um prégador ou um agitador politico ou religioso para determinar um movimento de opinião evidentemente facticio. Os homens são arrastados neste caso por imitação e por um effeito sobre o systema nervoso.

De Candolle.

(Histoire des sciences et des savants).



— Meus irmãos! Não confieis nesse que vos apresentam em beatifica attitude. Elle pertencenos tambem, é certo, entretanto só o nosso virgem e martyr Faustino reune os predicados para ser o chefe dos governantes desta santa terra.

A LUTA SOCIAL EM FRANÇA

Em França: as leis sceleradas e a agitação popular provocada pela sua aplicação — Um grande comicio — Anistia geral ou perdão individual? — Guarde o seu perdão, sr. ministro!

O comício celebrado no domingo passado em Paris contra as «leis sceleradas» de 1893-94, sob a presidencia de três das suas vítimas, Dumont, Viau e Baritaud, foi deveras imponente e digno das tradições do grande foco revolucionario.

Apesar de ser quasi exclusivamente operária, pois os intelectuais da questão Dreyfus, tão pródigos de promessas então, estão hoje satisfeitos em geral, esta agitação popular já deu alguns fructos: como o declarou ao numeroso publico, acorrido ali a despeito do mau tempo, o advogado que defendêra os três militantes do síndicalismo, se estes tiveram uma pena relativamente benigna — seis meses de prisão já sofrida, exigindo as «leis sceleradas» a detenção preventiva! — foi isso exclusivamente devido, não à benevolencia dos juizes ou do govêrno, mas à energica e colossal manifestação do domingo anterior.

Do seu lado, bastantes intelectuais independentes, tendo-se reunido para tratar da situação escandalosa de Hervé, decidiram enviar uma delegação ao presidente do conselho para lhe demandar, não o perdão de Hervé, mas a anistia geral para os delitos de imprensa.

A delegação foi, mas o chefe do ministerio, Monsieur Poincaré, famoso advogado de grandes companhias financeiras, não acha a ocasião propícia para anistias: examinará apenas, atenta e imparcialmente, o caso de Hervé e outros casos particulares que lhe forem apontados...

Trata-se de dividir, trata-se de contentar uma corrente de opinião com algumas concessões genorosas, mas restrictas...

Hervé, porêm, é que não consente em prestar-se ao jôgo. E numa carta altiva ao presidente de ministros, repete-lhe rudemente o que já declarára no seu jornal: que graça especial não a quer êle de modo algum. Fiquem-no sabendo de uma vez para sempre o sr. Poincaré, o seu ministro da justiça e o seu presidente da Republica. E boa noite.

Contribuirá este gesto para a anistia geral?... — **Neno Vasco.**

***

Julgamos interessante reproduzir a carta a que se refere o nosso correspondente de Lisboa — a do preso Hervé ao presidente do conselho Poincaré:

«La Conciergerie, 21 de janeiro de 1912.

Senhor,

Em consequencia duma visita que uma delegação, chefiada pelo sr. Henrique Rochefort, teve a bondade de vos fazer para vos pedir uma amnistia em meu favor, leio nos jornaes desta manhã que, hostil a qualquer amnistia, vos dignareis entretanto «examinar, com inteira imparcialidade, todas as situações indíviduaes interessantes que vos forem assignaladas».

Convido-vos a dispensar-vos de examinar, mesmo com inteira imparcialidade, a minha situação individual, interessante ou não.

Visto parecer não vos bastar um meu primeiro protesto publico, repito-vos que a vossa graça para nada me servirá.

Espero que, desta vez, o tenhais por dito, vós, o vosso ministro da justiça e o vosso presidente da Republica.

Saudo-vos.

GUSTAVO HERVÉ.»

Ha presos que são mais livres dos que muitos miseraveis em liberdade.

A carreira ecclesiastica

De um artigo do *Mundo*, de Lisboa, transcrevemos o seguinte trecho interessante:

«Nos seculos XIII e XIV, os srs. prelados ainda fulminavam os povos, porque estes, convencidos do seu poder sobrenatural, a tudo se sujeitavam como desventurados rebanhos selvagens. Os srs. prelados hoje são positivamente de carne e osso como toda a outra gente. Não são delegados do divino, mas simples cidadãos que os acasos da politica e das protecções pessoaes elevaram ás vistosas prebendas que desfructam.

Por exemplo, foram o rei Carlos e João Franco que nomearam patriarcha o sr. Mendes Bello, depois de terem escorraçado de S. Vicente de Fóra o cardeal Netto, graças a uma intriga apoiada no Vaticano pelo antigo nuncio em Lisboa Vanutelli. O cardeal Netto, franciscano, não gozava das sympathias dos jesuitas; muito pelo contrario, e ha curiosos motivos de ordem particular que não veem a proposito recordar agora. Por outro lado, o cardeal Netto, curto de entendimento, mas austero nas suas crenças religiosas, entendeu censurar um dia certas aventuras e certas attitudes galantes de Vanutelli, o nuncio. Este nunca lhe perdoou, e logo que presentiu haver em Lisboa, por parte de João Franco, o proposito de alijar do patriarchado o cardeal Netto, para em paga de serviços politicos o substituir pelo sr. Mendes Bello, começou preparando no Vaticano o ambiente necessario á aludida solução. Foi assim. Pio X, manejado pelos jesuitas como uma pobre criança... velha e trôpega, em tudo concordou, *sem saber o que fazia*, como na occasião informou para Lisboa um correspondente romano.»

A candidatura do padre Faustino

O momento fatal

E' este o ultimo numero da *Lanterna* que aparece antes do grande pleito eleitoral em que vai ser suffrado o nome consagrado do intangivel homem publico Padre Faustino Consoni.

E' um acontecimento que ha de ficar gravado em letras de ouro na historia da alygarchia de ratões de igreja e de tochoeiros, de procissões de ha muito agarrada á governança desta terra.

A escolha do candidato ao posto presidencial recai sempre sob a pessoa mais destinguida entre as personalidades da situação politica.

Desta vez é o padre Faustino que está neste caso. Nenhuma pessoa reune, nas altas espheras governativas, tantos predicatos como esse consagrado situasionista.

Uma agrupação politica, ou coisa semelhante, que dispensa todas as regalias á fradalhada expulsa de outros paizes e subvenciona igrejas, congregações e collegios onde se commettem crimes contra a infancia, um ajuntamento de autoridades que protege criminosos sómente porque elles vestem batina não poderia ter um chefe mais digno de sua reputação do que o martyr e virgem padre Faustino Consoni.

E' por isso que no proximo dia 1.º esse crapula será consagrado presidente dos directores da governança.

Não o querem ver no banco dos réus? Pois te-lo-ão como seu chefe.

O enthusiasmo reinante

Apesar dos festejos carnavalescos, o enthusiasmo pela candidatura continúa sempre em augmento de uma maneira espantosa.

Os boletins de propaganda do nome do mais honrado dos candidatos e as cedulas com o seu purificador nome continuam a ser distribuidos profusamente por todos os recantos do Estado.

Ainda esta semana tivemos occasião de receber algumas dellas.

Em S. Paulo grudaram por todas as paredes esta cedula: «Para presidente: Padre Faustino Consoni, martyr e virgem».

O enthusiasmo é enorme!

A votação nas urnas

Como se deverá votar no agitado pleito de sexta-feira proxima? o que é necessario fazer? Consultas como estas temos recebido ás centenas e, em vista do incalculavel trabalho que temos tido com os trabalhos eleitoraes, criminosamente descurados pelo comité central, tão pouco animados do momentoso civismo, não nos foi possivel responder directamente a todas as commissões, grupos e pessoas que nos escreveram.

Esta nota virá sanar essa falta, pois a todos dará as necessarias instrucções.

Entretanto, não podemos deixar de aproveitar a occasião para patentear a falta de civismo que por ahi impera, numa terrivel devastação de caracteres.

Bem se vê que tudo era feito pelos caciques politicos, com o completo desconhecimento dos cidadãos livres desta livre republica. Elles fabricavam os titulos, faziam a votação como muito bem entendiam e apuravam os votos que lhes convinham.

Esses attentados ao mais legitimo direito dos cidadãos não serão mais verificados. Ao sagrado padre Faustino deve a politica tambem essa reabilitação civica.

Elle restaurará a verdade eleitoral.

Mas vamos ao que agora mais nos importa.

A votação, como já temos dito, afora a fraude vergonhosa, deverá seguir as mesmas normas de todas as eleições.

Cada eleitor fecha a sua cedula num enveloppe, que deverá ter escripto: «Para presidente». A cedula deverá ser exactamente igual em tamanho e em dizeres á que publicamos em nossa terceira pagina. Poderá ser impressa, ou escripta á mão em papel pautado. No verso não poderá levar nada.

Quanto á fiscalização é simples: cada dez eleitores poderão nomear um fiscal.

A nossa fiscalização terá de ser feita com todo o rigor. Não deveremos permittir que se escamoteie um só voto dado ao nosso santo, puro e martyr candidato.

Lembrem-se todos do quanto soffreriam as nossos governantes, a começar do marcial Sul Americano Piedade até ao herculeo Pinheirinho Beiçama, se não conseguissemos eleger para seu chefe a casta personalidade de S. Faustino.

O resultado do pleito

E' preciso que por toda a parte se proclame a nossa força eleitoral, a nossa potencia politica, E para que isso seja conseguido, os nossos amigos não devem descurar a propaganda em favor do nosso candidato, e a divulgação do resultado do pleito, depois delle realizado.

As commissões, comités ou pessoas individualmente devem se esforçar para que a votação em favor do nosso honrado e virgem candidato seja annunciado nos jornaes locaes.

O numero de votos obtidos, assim como a noticia de tudo o que houver sobre o nobre pleito, deve ser immediatamente communicado a esta redacção para que, em caso de fraudes e violencias, termos os necessarios documentos para justificar a inevitavel intervenção do exercito vaticanesco, de que é commandante em chefe o coronel José Brasil Paulista Sul Americano Piedade.

O plebiscito

O plebiscito por nós promovido em todo o Brasil para a elevação do padre Faustino á presidencia dos seus protectores, vai de vento em popa. A votação é já collossal. Calculamos que trabalheira não estará tendo o nosso pobre Faustino, o incansavel amigo da infancia.

No proximo numero publicaremos novamente a cedula para ser enviada ao santo do Ypiranga.

Adherindo á candidatura

"Amigo E. Leuenroth e mais leaes companheiros da *Lanterna*:

Cordeaes saudações e sinceros parabens pela iniciativa do grande plebiscito em favor da candidatura do celebre padre Faustino.

Como pedem, junto a esta, na qualidade de fraco, porém certo companheiro, a minha modesta cedula.

Abaixo o clericalismo!

S. Manuel, 20 — 2 — 1912 — Leonidas Schimming."

***

"Sr. Edgard Leuenroth:

Remetto-vos a minha cedula para o celebre candidato (esse bandido do padre Faustino) partecipando-lhe com muito pesar que não posso ir á urna levar o meu voto, porque não sou eleitor.

S. Vicente, 10 — 2 — 1912. — J. Cardoso."

***

"Amigos da *Lanterna*:

Aprovando a vossa lembrança, ahi vai o meu voto para que o padre Faustino seja presidente do Estado.

Na verdade entre o reverendo e o conselheiro só ha a differença de um vestir batina e o outro casaca. Ambos são caciques do Vaticano.

Chicote nelles é o que é preciso.

Santos, 16 — 2 — 1912. — Augusto Gonçalves."

***

"Edgard:

Eis o que enviei ao nosso augusto candidato, juntamente com o meu ardoroso voto:

"Padre Consoni: A sciencia, a moral, a verdade e a razão reclamam a tua extincção do meio social.

A Justiça reclama-te em altos brados de indignação, mas os senhores que a dirigem, amordaçam-na, como protectores que são dos crimes, que vós todos, os falsos ministros de Deus e representantes de um Christo, que só proclamava o amor, a paz e a igualdade entre os povos irmãos, implantaes na terra, seguindo o thema da vossa religião: — Fogueira, estupro, ignorancia, embrutecimento, hypocrisia, deshonestidade, impiedade, e sangue!

Essa infeliz criancinha que tu assassinaste, alma de féra, e cujo crime o Tribunal reconheceu agora, é mais um pingo rubro que tinge as negras paginas da vossa horrivel historia.

Discipulo de Loyola, Torquemada e Domingos de Gusmão, a tua hora é chegada! O paraizo em que vives dentro em pouco se tranformará num inferno em vida, se não responderes aos corações nobres: Onde está Idalina?

Acceita o voto sincero do — Santos Barbosa — Rio.

***

"Amigo Edgard:

Não podia ser melhor a vossa escolha do candidato á presidencia do Estado. O padre Consoni merece esse posto. Depois de tanta protecção que a policia de S. Paulo lhe dispensou é justo que agora elle seja o seu chefe.

Villa Raffard, 18 — 2 — 912. — Paulo Pellegrini."

***

Sr. redactor da *Lanterna*:

Nesta data mando a minha cedula ao grande e illustre candidato padre Faustino Consoni, homem de juizo e consciencia que saberá governar e levar sua missão como no Orfanato.

Advirto-lhe, entretanto, que é a primeira vez que em minha vida me faço eleitor, pois sempre fui contrario a essa farça.

Onde está Idalina?

Rio, 12 — 2 — 912. — Antonio Grimenez Dias."

***

Sr. director da *Lanterna*:

Tenho quarenta e tres annos de idade e posso assegurar-lhe que nunca fui a nenhum collegio eleitoral para prestar o meu concurso a uma eleição, porque meu modo de ser sempre foi refratario a tudo quanto se relacione com a politica.

Porém, não obstante, como me preso de ter a consciencia inclinada sempre para fazer o bem, não posso deixar de, considerando que ninguem pode ser infallivel, acatar a vossa iniciativa.

Pela primeira vez em minha vida me faço eleitor só por tratar-se da eleição de um homem (ou coisa semelhante) que não pode haver igual nos mundos existentes.

Attendendo ás instrucções do vosso jornal, a minha cedula foi remettida ao seu correspondente destino.

Saberá por casualidade onde está Idalina?

Rio, 12 — 1 — 912. — Juan de *los Santos y Rosa*."

***

"Sr. Edgard:

Tendes razão; o melhor presidente que poderá governar o S. Paulo clerical é o illustre roupeta Faustino Consoni, tendo por companheiro na vice-presidencia o não menos celebre Capelli.

Ribeirão Preto, 6 — 2 — 1912. A. Castiglione."

A reacção na Argentina

Já por diversas vezes nos temos occupado na *Lanterna* da furia reaccionaria de que estão possuidos os governantes argentinos contra os que naquella terra se atrevem a proclamar com independencia as suas ideias.

O tyranno Rosas ainda governa a Argentina, onde sómente gosam de acatamento a clericanalha infame e toda uma chusma desavergonhada de exploradores do povo.

Os homens livres, os que propagam os ideáes alevantados são tratados com uma ferocidade maldita.

A historia da reacção argentina é tão negra como a da sanguinaria autocracia russa.

Ainda não ha muito foram assaltadas e incendiadas as redacções dos jornaes avançados, e uma livraria e as bibliothecas populares. Os propagandistas mais em destaque foram presos, expulsos para o estrangeiro ou deportados para a mortifera Terra do Fogo. Os jornaes de propaganda social não podem circular, as reuniões não são mais permittidas, tendo sido encerradas todas as associações que desagradam á policia vandalica.

Contra esta infamissima situação está sendo feita uma energica campanha por todas as facções avançadas daquelle paiz, assim como por diversos paizes da America e da Europa.

Tambem no Brazil repercute o sagrado brado de protesto dos nossos perseguidos companheiros da Russia da America.

Em Santos um grupo de homens livres decidiu levar a cabo uma agitação de protesto contra essa tyrannia.

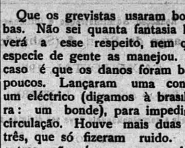
Promovida por esse comité, já se realizou naquella cidade uma reunião de protesto no dia 23 do mez passado.

A concorrencia a essa reunião foi bastante regular, falando os companheiros Luiz La Scala e Henrique Martins sobre a barbaria da canalha clericalissima que está infelicitando o povo argentino.

A assistencia não-lhes poupou applausos, levantando tambem vibrantes gritos de protesto contra os successores do justiçado tyranno Falcon.

Projetam-se outras reuniões com o mesmo fim.





A greve rural de Evora: suas origens e consequencias — Declara-se uma greve geral de protesto em Lisboa e outras localidades — Hesitações do govêrno, negociações e inqueritos — Um compromisso rompido — Cêrco duma praça forte e rendição dos sitiados — Tratava-se duma conspiração monárquica: provas esmagadoras — As bombas — Uma instalação luxuosa de gente sem meios — Os monarquistas regozijam-se — Uma chuva de felicitações ao govêrno pela sua energia e serenidade — A atitude da imprensa: comovente exemplo de amor paterno — O parlamento dá carta branca.

LISBOA, 4 DE FEVEREIRO

O telégrafo já para aí terá levado a relação dos sucessos dos ultimos dias em Lisboa — e é bem provavel que os tenha convenientemente desnaturado.

Eis, em resumo, o caso. Num dos distritos do Alentejo, a região agrícola mais adiantada de Portugal, aquela onde predomina a grande propriedade e onde já penetraram as máquinas, estalou uma greve rural motivada por uma ruptura do contracto celebrado entre lavradores e seus eventuais salariados, após as greves de junho último. Essa pobre gente do campo passava então a ganhar diariamente, mediante um trabalho brutal, de que Fialho de Almeida nos deixou tão belos e sugestivos quadros, 400 reis durante cinco meses, de setembro a janeiro, 500 reis de fevereiro a abril e 700 reis de maio a agosto. Isto para os homens; porque as mulheres conquistavam naquela luta de pobres contra opulentos fazendeiros o salario de 200 reis por dia em qualquer mês do ano. Ganhos pingues e convidativos, estes do distrito de Évora, se os compararmos com os das outras regiões agrícolas, com os do distrito estremenho de Santarêm, por exemplo, onde, depois das greves, os homens passaram a ganhar dôze vintens e sete as mulheres, sempre que trabalhem!

Alguns jornais republicanos quiseram ver na greve de Évora um manejo monárquico de alguns proprietarios que a provocaram. Suponhamos que não: é mais razoavel pensar que os fazendeiros procuraram servir, por qualquer forma, os seus interesses económicos. Os politicantes imaginam que tudo gira no círculo da política, no seu sentido mesquinho.

O caso é que os trabalhadores rurais, esses manifestaram claramente os seus sentimentos republicanos, arvorando bandeiras e até o busto da republica e cumprindo as formalidades do «draconiano» regulamento das greves: e o caso é que foi contra eles, não contra os fazendeiros, suspeitos de monarquismo provocador, que as autoridades democráticas exerceram as suas arbitrariedades, embora o chefe do distrito confessasse a um jornalista dar no seu fôro íntimo plena razão aos grevistas!

Que fizeram estes? Reuniram-se nas suas associações, concentraram-se na capital do distrito, em atitude pacífica e até passiva, reclamando o cumprimento do contracto. E que fizeram as autoridades? Encerraram as associações, prenderam os mais activos, mandaram a cavalaria expulsar e perseguir até longe da cidade alguns grupos, e por fim veio a tragédia, inevitavel quando se envia para o campo de greve uma consideravel força armada: um morto e varios feridos, um dos quais — ironia amarga! — se batera, vinte anos antes, pela Republica, na revolta de 31 de janeiro, cujo aniversario ia ser soléne e oficialmente celebrado dentro de poucos dias...

Em vão republicanos históricos eborenses reclamaram a demissão do governador civil e o restabelecimento da legalidade violada: o govêrno cobriu o funcionario e o parlamento caiu como um só homem, não sobre a autoridade arbitrária e assassina, mas sobre... as vítimas.

Naturalmente, em todos os meios industriaes, sobretudo no distrito de Lisboa, tudo isto provocou efervescencia e indignação. Dizem agora que a greve de Lisboa foi coisa subreptícia e repentina, sabida primeiramente pelos monárquicos! E' falso. O signatario não frequenta os meios operarios, como não frequenta outros, vivendo solitario e bem pouco relacionado, e no entanto, dias antes da greve, ouviu dizer que o protesto se preparava, que o aclamavam assembleias entusiásticas, mais ainda do que os chamados «chefes», e que lavrava a irritação entre os elementos operarios mais conscientes dos seus interesses e dignidade de classe, mais imbuidos e compenetrados do sentimento de solidariedade.

Que querem os republicanos? Que os trabalhadores, por amor à Republica, deixem que ela os fuzile, sem protesto?

Em 24 deram-se os sucessos sangrentos de Evora: no dia 29, após visitas ao govêrno, era o trabalho quasi completamente palisado em Lisboa e arredores, bem como em algumas localidades do distrito, com repercussão em outros pontos do país. Eis as reivindicações: reabertura das associações em Evora, libertação dos presos e demissão do governador civil.

A princípio o govêrno pareceu resolvido a ceder. Foi conferenciar com êle uma comissão de empregados ferroviarios, que oferecia uma especie de mediação. O govêrno disse que mandaria abrir as associações e promover a soltura dos presos sob fiança, fazendo activar a investigação judicial. Mas não podia demitir o governador do distrito sem que fosse comprovado não ser exacto o relatorio do seu enviado especial, que justificava os actos daquela autoridade.

Objectaram-lhe que os operarios possuiam informações e testemunhos insuspeitos em contrário; e o governo acabou por concordar na ida a Évora de uma comissão operária, composta de dois delegados grevistas e dois ferroviarios. O relatorio desta comissão poderia ser publicado pelos grevistas, para confronto com o do enviado oficial, — o governo seria o árbitro entre os dois documentos!

A comissão partiu na manhã de 30, ficando os grevistas a espera-la para resolver. Mas nesse mesmo dia, o govêrno decidiu outra coisa. Consultou a autoridade militar, e esta opinou pela suspensão de garantias e pelo regime marcial — nada menos. Assim se fez, mesmo sem prévia consulta do parlamento, formalidade aliás de pouca monta e garantia de pouca segurança. Nessa noite era a União dos Sindicatos — instalada no velho palacio do marquês de Pombal — cercada por tropas de todas as armas, voluntarios inclusivè, como se fosse uma terrivel praça forte. Havia ali dentro algumas centenas de operarios — 580, diz uma nota oficiosa — incluindo mulheres e crianças, aguardando o regresso dos delegados, esperando decisões, e foram esses grevistas que a tropa levou, entre baionetas, para bordo de navios de guerra, depois de ter sido detida, á sua chegada, a comissão enviada a Evora!

Os motivos deste procedimento? Que o movimento ia tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monárquicos! Sobre a violencia — o enxovalho. Desde o princípio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicantes — e manejo do governo, já experimentado em França com êxito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leais e honestas.

Momentos antes do cêrco e prisão das comissões grevistas, um dos seus membros declarara a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e não se filia nos fins inconfessaveis que por aí se propalam. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operariado».

Que os grevistas usaram bombas. Não sei quanta fantasia haverá a esse respeito, nem que especie de gente as manejou. O caso é que os danos foram bem poucos. Lançaram uma contra um eléctrico (digamos à brasileira: um bonde), para impedir a circulação. Houve mais duas ou três, que só fizeram ruido. As outras não foram empregadas: serviam para intimidar e ameaçar os traidores e fura-greves. Bem mais se faz noutros países — nas ultimas grandes greves inglesas, por exemplo — e não se julga tão trágica e insurreccional a situação. Demais, não fica bem aos republicanos falarem de bombas: são talvez um resto das que sobraram dos seus tempos de conspiração...

Que a União dos Sindicatos tinha uma instalação «luxuosa». Visitei-a uma vez. A casa é ampla e excelente, mas os móveis eram os que as associações já possuiam antes, bem modestos. Quanto à renda mensal — observa cheio de bom senso o *Intransigente* — está ali num cartorio de notario o contracto de arrendamento: 75$000 reis, pagos por perto de 40 sindicatos! Simples questão de união, que os politicantes talvez não compreendam, como não percebem que se gaste pouco para grandes resultados, eles que para nada gastam tanto!

Alegraram-se os monarquistas? Fizeram mal, simplesmente. Nada podiam esperar nem dos grevistas, que absolutamente os repudiam, nem do governo, ainda mais atento e armado na circunstancia. Se entre os grevistas se introduziram agentes provocadores e malucos — como antes entre os republicanos, como em todos os partidos e movimentos — que podiam eles fazer... senão dar ao govêrno um pretexto de facil repressão? Ou foram êles que fuzilaram os camponeses de Evora para irritar os operarios?...

A manobra, em todo caso, surtiu o desejado efeito. Todos caíram geralmente no laço da tentativa rialista inventada. Vieram felicitações. Estava mais uma vez salva a republica. Ha até operarios que assinam protestos colectivos contra a greve — esquecidos, os míseros, daquella rudimentar delicadeza de alma que lhes ordena, pelo menos, o silencio nesta circunstancia. Perdoai-lhes, Senhor!...

E a imprensa? Ah! se fosse no tempo da oposição! Agora a imprensa republicana é de governo. Um ou outro jornal menos partidario arrisca uma nota imparcial; e o *Intransigente* defende resolutamente o bom senso e a verdade: é seu director Machado Santos, que, tendo fundado a Republica, tenta agora salva-la duma vergonha. Bom pai!...

Demais, há a censura prévia dos jornais exercida pelo govêrno militar: alguns teem saído com espaços em branco. Salvo raras vozes de protesto, o parlamento concedeu submissamente o estado de sítio e o governo militar, por trinta dias em Lisboa, e decretou o julgamento sumário dos «rebeldes» por tribunais de guerra! Decreto este que, segundo consta, o presidente hesitou em assinar, fazendo-o unicamente porque, não dispondo do direito de veto, iria com a sua renúncia à suprema magistratura agravar ainda a situação. Que firmava «constrangido»...

Em vez de diminuir a importancia dos sucessos — o governo é que os agrava. Duma greve faz uma contra-revolução e persegue operarios de ideias avançadas, homens de iniciativa que constituem o fermento da massa proletaria, como retrógados. E' o cúmulo da desorientação. O êrro será visto em breve?

Neno Vasco

Secção amena

Entre marido e mulher:

— Já sabes: não consinto que o nosso pequeno seja baptisado. Quando elle for de maior idade e estiver no pleno uso da sua razão, poderá então decidir entrar no gremio da Igreja...

— Jesus! E' entretanto elle ha de ficar sem alma?!

— Sem alma? Como assim?

— Decerto! Tu não sabes que quem não é baptisado é como um bicho, não tem alma?

— Que pechincha! Mas nesse caso, bem tolo será se um dia se baptisar! Não tendo alma, está livre do inferno!

O PATRIARCHA DE LISBOA E' CASTIGADO

FALA-SE NA REBELLIÃO DO PRELADO — QUEM É D. ANTONIO MENDES BELLO — QUEM É O MINISTRO DA JUSTIÇA — QUE VAI SUCCEDER?!

O patriarcha de Lisboa, d. Antonio Mendes Bello, da sua residencia de S. Vicente de Fóra, respondeu ao decreto relativo á organização das cultuaes — a administração civil do culto — com uma pastoral recommendando ao clero da diocese que não a acceitasse.

Já os priores da Lapa, Santa Isabel e Belém se tinham conformado com as corporações encarregadas do culto, outras se lhe iam seguir quando o velho prelado tomou a sua resolução e o ministro da justiça deliberou castiga-lo, bem como ao bispo da Guarda, accusado do mesmo delicto, com a pena de dois annos de expulsão dos districtos de Lisboa e Castello Branco, onde residiam.

Emquanto se instaurava o processo o patriarcha escrevia a sua defesa quasi tão violenta como o relatorio que precede o decreto ministerial e da qual as palavras nada têm de humildade, antes retumbam numa grande altivez:

«No preenchimento da minha missão — diz o chefe da igreja portugueza—sacrificarei tudo, commodidade, repouso, socego, tudo, menos o acatamento devido aos dictames da consciencia e a veneração a que têm direito as verdades da religião catholica, assim como as tradições e legitimos interesses da nossa querida patria. Não temo as perseguições, não me desalenta a perspectiva dos dissabores, injustiças, privações e pobreza.»

E' esta a mais fraca parte desse documento com que o patriarcha evoca sem querer as velhas lutas da igreja contra o poder civil das épocas do constitucionalismo e a revolta dos principes da religião contra os reis.

Desta vez estão frente á frente o mais alto dignatario da Igreja e o ministro da iustiça da Republica como dois adversarios buscando levar a melhor.

Um é um velho; o outro é um moço; o patriarcha serve a cincoenta annos na religião, o ministro serve a cincoenta dias á Republica; um é um soldado da fé; o outro pretende ser um soldado da democracia.

A luta é curiosa, não porque os personagens sejam athletas, mas porque na sua retaguarda avultam as hostes da reacção e as da liberdade.

O patriarcha de Lisboa tem perto de setenta annos, é um homem alto, ossudo. majestoso; tem a envergadura rija de um beirão, e, apezar da idade, em letras se avantaja á maioria dos prelados portuguezes. Teve sempre um papel de destaque na Igreja; professor de um seminario em Evora, depois bispo do Algarve, foi nomeado chefe do clero lusitano, quando o velho cardeal D. José III resignou ao tempo da dictadura franquista. Ao padre franciscano quasi fanatico seguiu-se o padre secular cioso, como se vê, das prerogativas da Igreja, Durante annos, apparecendo nas ceremonias com as suas vestes, isentando-se da politica, mesmo nos momentos tragicos do regicidio, assistindo á implantação da Repdblica sem um gesto, á expressão dos jesuitas, ao desmanchar das congregações pouco se esperava delle.

O clero, como já lhes disse, não tem em Portugal uma belleza romantica e mesmo a esse prelado, que neste momento se levanta contra as determinações civis, parecem falhar os moldes para uma attitude decisiva.

A Igreja vai, entre nós, a caminho de uma inevitavel bancarrota.

O ministro da justiça, dr. Antonio Macieira, é um homem de trinta e tantos annos. Antes da Republica affirmara-se apenas como um liberal. A sua voz não se serviu na propaganda do novo regimen, sua acção não se notou nem mesmo no tempo de João Franco. De quando em quando apparecia numa ou noutra audiencia de mais éco politico, mas sempre sem o alarde jacobino, como um homem que tem a esperar um futuro sem se comprometter. Filho e neto de abastados commerciantes, a sua fortuna permittia-lhe esperar. Chegou a Republica e elle foi um dos primeiros que adheriram, ligando-se ao seu grande amigo Affonso Costa. Entrou no grupo radical, seguiu attentamente as lições do amigo ministro da justiça do governo provisorio e quando deste partiu a ideia de premiar com aquella pasta a sua adhesão esperava-se que em tudo o seguisse na defesa das novas leis. Assim foi. E como se o dr. Affonso Costa estivesse ainda no poder, velando pela sua obra que ha de dar a Portugal uma situação jámais vista dentro da politica universal: a de um povo sem a menor tendencia religiosa.

O dr. Antonio Macieira é, pois, um continuador.

Arremeçou o seu decreto e esperou. O velho patriarcha respondeu-lhe. Então, pelas salas da residencia episcopal reuniram-se os párochos de Lisboa acorrendo a um apello do seu prelado, mas sobretudo notou-se que as familias monarchicas — mesmo as que antigamente praticavam por luxo — appareceram a saudar o patriarcha que se rebellava contra o governo.

Voltaram de S. Vicente enthusiasmados; faziam gala em dizer que lá tinham estado e no fundo de tudo isso mais se sentia o protesto contra o regimen do que propriamente a sua fé manifestava.

Correu, então, em Lisboa — e á hora em que escrevo ainda o boato corre — de que d. Antonio Mendes Bello não deixará o seu palacio episcopal, no prazo de cinco dias, que o ministro lhe concedeu, sem que a isso o violentem.

Será o gesto romantico, feito para ferir as imaginações, o desse prelado, descendo, entre alas de tropa, as escadarias da residencia, vestido com a sua samarra, passando, de cabeça erguida, como um desafio platonico da Igreja ao poder constituido. Sim, bem platonico será semelhante desafio.

Lisboa, a Lisboa revolucionaria, que domina a parte timida que protesta, não dará a esse prelado altivo a menor prova de distincção.

Ainda não ha muito tempo, que outro prelado, o do Porto, apezar da sua tradição de combatente d'Africa, de servidor das missões, passou, num automovel, por essas ruas, por entre o clamor enfurecido do povo.

Viu-o eu passar. Vestido de roxo, o chapéo de castor, com borlas de ouro, na sua cabeça de missionario; as barbas brancas occultando o cordão do seu peitoral, baixo, reforçado, entre o chefe do ministerio da Justiça e um padre do seu sequito, viu em roda do automovel, que corria ligeiramente, a turba clamorosa a ameaça-lo.

Ninguem se ergueu a defende-lo, e, sem a protecção do ministro de justiça de então, sem a sua estada no quartel general, aguardando o comboio, que o devia levar para o seu voluntario exilio de Gernache, não sei o que lhe teria succedido.

O facto deu-se. O clero ficou quieto. Não se alterou a paz. Continuou o aldeão a cavar a sua terra, o operario a laborar na sua officina, o soldado a fazer o seu serviço.

Este povo parece soffrer muito ainda a ancestral pressão dos inquisidores. Não ama o padre, como o padre não ama a sua fé.

Mesmo nessa diocese da Guarda, á beira da serra da Estrella, onde a população é ignorante e se podia esperar um levantamento a favor do prelado rebelde, mesmo na Covilhã, que os jesuitas minaram, converteram e onde organizaram verdadeiras tendas, nenhum movimento, até esta hora, se deu.

Trabalham as fabricas de lanificios, apascentam os pegureiros os gados. Tudo em paz, tudo em calma, na mesma eterna indifferença.

Por isso, creio que o patriarcha não fará esse gesto, que lhe custaria ser conduzido entre baionetas, no meio do apagamento do seu clero e por entre as chufas do povo. Elle de coisa alguma serviria, a mesma indifferença, esta quasi lethargia para as coisas da Igreja, o receberia. Seria um inutil esgrimir.

Acredito pois, que, em vez da revolta, da attitude brava do prelado, entre os seus padres, descendo as escadarias de S. Vicente, esperando o martyrio, apenas veremos sua excellencia reverendissima fazer as suas malas, dar a sua bençam a alguns fieis e ir tranquillamente para um ermo meditar neste phenomeno singular: o de um povo que não se move pela Igreja nas aldeias; o de uma multidão que detesta a igreja nas cidades.

E' o fim do mundo! dirá o prelado.

E' o começo de uma éra nova! dirá o ministro da justiça.

Rocha Martins.



Lanterna Magica

Uma das muitas

Mais uma seita. O ultimo recenseamento das Indias inglesas deu a conhecer uma seita bastante numerosa, a dos *jvilis*. O seu preceito caracteristico é um jejum rigoroso durante oito ou nove mezes por anno, por periodos de seis a sete semanas. Os *jvilis* submettem-se com muita coragem a esta ordem religiosa, e quando não jejuam são estrictamente vegetarianos. São em numero de 1.416.638 e acham-se sobretudo no Bengala, nas provincias de Guizerat e do Radjputana. Como lugar sagrado, teem especialmente a montanha Parvenas, aonde vão aos milhares na primavera, para adorar os deuses e começar o grande jejum.

Os medicos deveriam aconselhar o alistamento nesta seita a alguns gordos bonzos catholicos; mas estes prefeririam que se inscrevessem nella os operarios, afim de comerem menos, pedirem menor salario e darem assim mais proveito ao patrão..

Provas da separação

Os grandes rotativos deram a seguinte noticia:

Ao revmo. sr. arcebispo metropolitano foram entregues hontem pelo dr. Luiz Arthur Varella, procurador do Estado, 200:000$ correspondentes á primeira prestação da quantia concedida pelo Congresso Legislativo, afim de auxiliar a construcção da futura cathedral.

Agora diga-se que a Igreja não está separada do Estado...

Bom padre

CURITYBA, 25 — No nucleo de Ivahy, o padre Bonny instigou os colonos contra o de nome Sakoloski, sob o pretexto de que o mesmo era bigamo.

Se não fosse a intervenção immediata do director do nucleo o colono Sanoloski seria lynchado pelos seus companheiros.

O padre evadiu-se.

E ainda ha quem ouse dizer que os padres não são creaturas encarregadas de fazer o bem por este mundo afóra.

Os fanatizados colonos esqueceram-se, entretanto, de indagar quantas mulheres tem o tal padre.

E viva...

O nosso collega *Correio da Noite*, do Rio, publicou a seguinte nota:

O juiz Manoel Aquino e Castro, julgou ha dias, improcedente a acção movida pela Fazenda Publica, para haver bens vacantes da ordem franciscana existentes no Estado de S. Paulo.

A sentença tem a data de 17 de janeiro de 1912 e foi vulgarisada nos diarios desta capital.

Pois bem, no dia 20 do mesmo mez o *Jornal do Commercio* publicava a seguinte varia:

«O sr. dr. Manoel Dias de Aquino e Castro, juiz seccional em S. Paulo, acaba de ser distinguido por um breve de sua Santidade o Papa Pio X, datado de 16 de dezembro proximo passado, com o grão de commendador da ordem civil de S. Gregorio Magno.»

Está claro que a decisão foi inspirada nas graças do breve papalino *Ad majorem dei gloriam et minorem justitiam.*

E viva o Clericalismo!!

Viva! sim, caro collega. E é por isso que nós havemos de eleger o santo padre Faustino para presidente do Estado.

"Francisco Ferrer"

Já temos á venda os ns. 15 e 17 desta bella revista de propaganda do ensino racionalista, publicada em Buenos Aires.

O n. 15 traz os discursos pronunciados por occasião da inauguração do monumento a Ferrer em Bruxellas e o n. 17 é dedicado ao celebre naturalista Darwin.

Custa 300 réis o exemplar.

Para Presidente do Estado

PADRE FAUSTINO CONSONI, director do Orphanato Sinistro, residente em S. Paulo.

A HISTORICIDADE DE JESUS

Com este titulo, publica G. B., em *La Libre Pensée Internationale*, de Lausanne, no seu numero de 13 de janeiro, o seguinte:

«Ha alguns annos que quasi todos os historiadores livres-pensadores estão de accôrdo, se não para negar a existencia de Jesus, ao menos para affirmar que a vida contada pelos quatro evangelhos (unicos documentos pseudo-historicos sobre a vida do judeu a quem se attribue a fundação do christianismo) não passa duma compilação de lendas tiradas do Oriente, sobretudo da vida de Horus, de Chrishna e do Buddha Çakya Muni.

«Qual não é pois o nosso espanto encontrando no jornal em portuguez *A Lanterna* (folha anticlerical e de combate, como elle se proclama), um longo artigo em que oppõe o Christo aos padres catholicos, como se houvesse um jota de verdade nas historias de fazer dormir em pé contadas a respeito do filho de Maria. Esse artigo começa assim:

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Os padres nascem pobres e morrem ricos.

Christo disse que todos os homens são filhos iguaes de um só Deus; os padres dizem que alguns homens têm o direito de ser senhores, e outros de ser escravos.

Christo queria atrás de si o que não tinha dinheiro; e os padres dispensam tal companhia.

Christo instruia os ignorantes; os padres desejam a ignorancia.

Christo amava as crianças para as educar; os padres acariciam-nas para as corromper. Etc.

... Christo andava descalço; os padres usam botinas de pellica á ultima moda. Etc.

«Esta serie de antitheses continúa por muito tempo. Não nego que o escopo do autor seja bom, — quiz prègar o altruismo, talvez até o socialismo, — mas é necessario para isso basear-se numa lenda inepta para prègar a verdade? Onde viu o autor que Jesus ensinava? Não affirma a propria Biblia que elle não sabia ler? Onde é que o vêem ler? Quando elle diz, sempre segundo os evangelhos: «Deixai vir a mim os pequeninos», é para lhes dar lições, para lhes ensinar as sciencias e as artes? A propria Biblia apenas lhe põe na bocca noções mais ou menos moraes.

«Deixemos pois esta lenda pelo que ella vale. Procuremos antes abalar a fé nessa historia, que fez um mal incalculavel á humanidade.

«Procurando demonstrar que o pseudo-filho dum pombo nunca existiu, minamos o christianismo, cuja influencia foi nefasta desde o começo.»

G. B. refere-se ao pequeno artigo que, sob a epigraphe *Christo e os padres* e firmado por Angel A. Monchietti, publicámos em nosso n. 101 (26 de agosto ultimo). Foi-nos mandado de longe por um amigo, atheu convicto, que o traduziu duma folha anticlerical de Buenos Aires, e não é longo, occupando exactamente meia columna e sendo o trecho acima reproduzido justamente um terço.

Surprehende-nos — e de certo modo nos lisonjeia — que o nosso amavel censor tenha preferido a *Lanterna* para objecto daquella crítica, quando todos outros jornaes anticlericaes, superiores ao nosso, lhe poderiam offerecer o mesmo alvo. O artigozinho criticado é precisamente traduzido de um delles; e, por exemplo, *L'Asino* não cessa de mostrar, em escriptos e caricaturas, o *frisante*, *suggestivo* e *palpavel* contraste entre os ensinamentos theoricos da Igreja e as práticas dos seus membros, entre as doutrinas e mandamentos do Christo dos evangelhos e os costumes dos que delle se dizem representantes e apostolos.

A *Lanterna*, como esses jornaes, trata frequentemente das origens da lenda christã e procura vulgarizar, o mais claramente possivel, os estudos e investigações sobre os mythos solares: consulte-se a nossa collecção. E coincidencia graciosa: em nosso numero 125 traduzimos da mesma *Libre Pensée* um artigo de G. Brocher (G. B., não é verdade?) sobre o assumpto... Nem de proposito!

Mas se nos agradam muito esses estudos, que achamos muito uteis, sobretudo para os «intellectuaes» e para os operarios estudiosos, pretendemos attingir o maior numero de mentalidades e os mais diversos graus de cultura com todas as especies de argumentos, não desdenhando as razões e factos simples, verificaveis, comprehensiveis. Ao lado das questões historicas e philosophicas, ha a propaganda prática e elementar que consiste em mostrar o desaccordo entre o evangelho apregoado e os actos praticados, em desfazer a lenda do prestigio sacerdotal, mostrando que os padres não são pastores nem apostolos, mas profissionaes, muitas vezes ávidos e devassos. Para encarreirar a Revolução Francesa contra a realeza não teriam bastado os *Encyclopedistas*, lidos por uma pequena minoria intellectual; foram necessarios os pamphletos innumeros contra a vida perdularia e infame da côrte.

DIVERSÕES

THEATRO COLOMBO — As sessões cinematographicas deste theatro têm sido muito concorridas, o que se attribue aos bellos e empolgante, *films* ali apresentados.

Para hoje está annunciado excellente programma. Amanhã haverá *matinée* com novas fitas.

THEATRO CASINO — Estiveram maravilhosamente animadas as festas que em louvor de deus Momo, o deus da folia e da loucura, adorado pelos crentes e pelos atheus, realizaram-se neste theatrinho tão apreciado pelo nosso publico. Os devotos de Momo penitenciaram a valer no Casino, o templo da alegria e da folgança, onde, não resta duvida, o deus da zombaria, que a poetica mythologia fez filho do Somno e da Noite, estabeleceu o seu throno nos tres dias que a humanidade, rememorando os tempos pagãos, consagra ao seu culto. Momo feliz, Momo adoravel, dos heroicos deuses mythologicos, derruidos e extinctos, foste tu o unico que conseguiste chegar até nós, sem nome deturpado e sem culto diverso!

— Nos espectaculos de hoje e amanhã serão apresentados bons numeros.

THEATRO VARIEDADES — Os espectaculos levados durante a semana pela Companhia Nacional de Operetas estiveram bastante concorridos, conseguindo os seus artistas fartos applausos.

Está annunciado para breve a interessante comedia *O Guarda da Alfandega*.

Para hoje estão organizadas duas interessantes sessões e amanhã haverá *matinée* e espectaculo á noite.

CINEMA CONGRESSO — Este cinema da praça dr. João Mendes e pertencente á empreza Carlos Murano & Comp. é unico, no districto da Liberdade, que exhibe em primeiro logar as novidades do *Bijou Theatre*. Possue uma excellente orchestra e o seu salão de exhibições foi ultimamente bastante melhorado, ficando mais confortavel e arejado, mais em condições portanto, de agradar os seus numerosos frequentadores. Os ingressos neste cinema, por sessão, custam apenas 300 réis para os adultos e 200 réis para as crianças. Todos os domingos ha matinée com distribuição de bombons ás creanças.

JOCKEY CLUB — Amanhã, á hora do costume, no prado da Moóca, haverá mais uma corrida, disputando-se bem organizados pareos.

EM PORTUGAL

Um edital do ministro da justiça

Foi mandado afixar por todo o paiz o seguinte importante documento:

No interesse do publico, pelo Ministerio da Justiça e em nome do governo da Republica Portugueza.

Considerando que á lei de separação tem sido attribuidos intuitos que ella não teve em vista, nem resultam das suas disposições que são claras e precisas;

Considerando que só inimigos das instituições e que desejem perturbar a ordem e o progresso da Republica podem ter interesse em enganar o povo, ensinando-lhes doutrina contraria á consignada nessa lei que o emancipou da oppressão politico-religiosa, garantindo-lhe a mais completa liberdade de consciencia e pratica de culto;

O ministro da Justiça, ouvida a commissão central de execução da lei da separação, faz saber o seguinte:

1.º Para o effeito da concessão gratuita das igrejas, moveis e alfaias destinadas ao culto catholico, as cultuaes (corporações encarregadas do culto) podem organizar-se até 31 de dezembro de 1912.

2º Emquanto as cultuais se não organizarem para aquelles effeitos, o culto póde continuar a exercer-se pela mesma fórma por que o tem sido até hoje, por intermedio de agrupamentos cultuais transitorios.

3.º Esses agrupamentos, como as cultuais que se organizem, tem que reservar para beneficencia e assistencia a pequena parte que a lei estabelece, quer dizer, um terço pelo menos do que receberem para fins cultuais, ou um sexto se tiverem de prover ao sustento e habitação do ministro do culto.

4.º Tanto as corporações que se constituirem para se encarregarem do culto, como as que já existam e delle se encarregaram, e tambem as misericordias, confrarias, irmandades, ordens terceiras, etc., que do mesmo culto parochial se não queiram encarregar, teem toda a livre administração e applicação dos seus rendimentos, sejam estes consignados ao culto, sejam destinados á assistencia e beneficencia.

5.º Os actos de assistencia e beneficencia serão, portanto, praticados directamente por essas corporações; e assim ellas podem soccorrer os pobres, os doentes, exercer a caridade, auxiliar os desprotegidos e as crianças pobres das escolas.

6.º E', portanto, evidente que a lei da separação não prohibe o culto nem ataca as religiões; e evidente é tambem que o Estado não quer, como aliás de má fé se tem dito, tomar conta dos bens ou rendimentos das mencionadas corporações, que se harmonizem com a lei de separação.

7.º Ainda quando até 31 de dezembro de 1912 se não organizem cultuaes em algumas freguezias, ou as irmandades, nellas existentes, não queiram encarregar-se do culto parochial, nem por isso o Estado fechará as suas igrejas onde estejam, por direito ou uso antigo, erectas irmandades e confrarias, as quaes poderão continuar a exercer o seu culto por intermedio dos seus ministros privativos.

8º Se as igrejas forem abandonadas pelos párochos ou estes não quizerem cumprir os seus deveres para com os fieis que lh'os reclamem, a culpa é sómente dos ministros da religião pois a Republica em nada concorre para isso, antes faculta por todas as fórmas a maior liberdade de consciencia e de culto.

O que fica exposto resulta claramente da lei, e affirmar o contrario só revela o proposito de atacar, sem justa causa, a Republica e suas leis.

Lisboa, 6 de janeiro de 1912. — O ministro da justiça, *Antonio Caetano Macieira Junior*.

Um dos nossos

No primeiro dia consagrado ao verdadeiro Deus, que é Momo, um rapaz, fantasiado de *clown* vermelho, arrancou gostosas gargalhadas, chamando a attenção dos transeuntes. E advinhem lá porque? Esperem... Não fallem; já sei que advinharam tudo, mas... que o nosso illustre candidato padre Faustino não saiba, nem por pás, nem por enxadas que na casaquinha do carnavalesco lia-se a fatidica pergunta: Onde está Idalina?

Rio. — **Santos Barbosa.**

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer — Este circulo mudou a sua séde da rua Martin Burchard para a rua da Moóca, 134, onde tem a sua sala de leitura á disposição das pessoas que a queiram frequentar.

A todos os grupos editores pede elle que lhe remettam um exemplar de suas publicações de propaganda, ficando a seu cargo as despesas do correio.

C. de E. S. Conquista do Porvir — Este Circulo do bairro da Bella Vista já está com a sua escala de ensino primario funccionando com um regular numero de alumnos.

A séde do Circulo está installada na rua S. Domingos, 25.

EM SANTOS

Agrupação Libertaria Renovação — Com este titulo fundou-se em Santos um grupo que se dedicará á propaganda do ideal libertario.

O "BREVIARIO"

Mais as seguintes pessoas subscreveram assignaturas e auxilios para o *Breviario*. (Lista a cargo de Manoel Antonio da Silva, Fabrica do Cedro, Minas):

Antonio de Siqueira, Christovam de Farias, Francisco Carlos Firmiano Ribeiro, José Ramos de Oliveira, Aristêu Ramos de Oliveira, Tarcizio Ribeiro, Joaquim Temperany, Joaquim Baptista, Ovidio da Veiga Barbosa, José de Oliveira Campos, (Pitanguy); Pedro Campos Junior (Pitanguy); Annibal Mascarenhas, Antonio Campello, Alberto Soares e Sebastião Vianna, 2$ cada um.

Manoel A. da Silva, 10$; Marcilio Martins da Costa, 10$.

(Continúa).

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

Vida operaria

EM S. PAULO

Associação dos sapateiros — Conforme noticiámos em nosso numero anterior, os artifeces sapateiros estão agora tratando da reunião da classe numa sociedade destinada a patrocinar os seus interesses economicos e moraes.

No domingo passado, pela manhã, realizou-se, no Salão Celso Garcia, uma nova assembleia para o proseguimento dos trabalhos tendentes a esse fim.

A concorrencia foi numerosa, notando-se grande animação pela iniciativa que já se acha em vias de execução.

Pelo nosso companheiro Edgard Leuenroth foi feita uma palestra sobre a necessidade da união dos trabalhadores e dos fins que devem animar as suas sociedades.

Após animada troca de ideias entre diversos dos presentes, ficou assentada a nomeação de uma commissão que se deverá encarregar de elaborar os estatutos da sociedade e apresenta-los a uma proxima assembleia geral dos sapateiros.

Essa commissão reuniu-se na quarta-feira passada, dando inicio ao seu trabalho.

Bilhetes e recados

Pelotas — J. M. Bento: Responderemos por carta fornecendo-lhe as informações necessarias. Já começamos a remetter-lhe um pacote do jornal. Saudações.

Paracatú — R. G. Adjuto: Nós não fazemos tal coisa. Satisfez-nos, entretanto, a sua preoccupação de pontualidade. Se todos assim procedessem... Saudações.

Taquaritinga — L. Crespi: Está bem. Oxalá cada amigo do jornal fizesse outro tanto. Salute.

Pelotas — Ganganelli: Já estamos em communicação com a pessoa indicada. O jornal tem sido remettido para a direcção recommendada. Muito terá a ganhar o nosso jornal com os esforços que em seu favor estaes empregando. Faremos o que desejam. Aguardamos mais informações Saudações.

Rio — Carlos: Transmitti o teu recado ao Neno. Sempre são uns bons typos esses taes... Saudações.

Petropolis — J. de Araujo: Foi satisfeito o seu pedido. Agradeceremos o que fizer ahi pelo nosso jornal. Saudações.

Ponte das Araras — J. B. M.: Remettemos o pacote pedido. Antecipadamente ficamos-lhe agradecidos pela promessa feita. Saudações.

Pirajú — H. N. Torres: Fizemos a transferencia recommendada. Saudações.

Itamaraty — A D. Barbosa: Recebemos os 10$ de sua assignatura. Remettemos o premio e o recibo. Saudações.

Nictheroy — J. Martins: Remetti o n. pedido. Saúde.

Sertãozinho — Z. Brasil: Fizemos a transferencia dos endereços indicados. Agradecidos. Saudações.

Botucatú — J. S. de Mello: Recebemos os 10$ de sua assignatura. Remettemos os ns. pedidos e o recibo. Saudações.

Rio — L. A. Dal Molin: Recebemos os 10$ de tua assignatura. Saudações.

S. Rita de Cassia — T. A. Fallimos: Recebemos os 10$ de sua assignatura. Felizmente a reacção contra essa peste já vai ganhando terreno por todo o Brasil. Saudações.

Padua — J. da S. Freire: Recebemos a importancia de sua assignatura. Agradecemos o bom augurio. Saudações.

S. João de Ariranha — F. A. Mourão: Já lhe está sendo remettido o jornal. Saudações.

Mogy-Guassú — João de Deus: E' justamente onde ainda o elemento é pequeno que devemos procurar divulgar o jornal. Ao menos para fazer peccar á carolada... Saudações aos amigos dahi.

Carmo do Parnahyba — M. Chaves: Alegra-nos a noticia do seu restabelecimento. Agradecemos os esforços que tem empregado em favor da divulgação do nosso jornal. Continúa a residir em S. Paulo. Está agora apparecendo regularmente todas as semanas. Aguardamos com interesse a promettida collaboração. Saudações.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communiquem a primitiva residencia.

Catecismo atheu

Excellente folheto, contendo 32 paginas de propaganda antireligiosa, escripto em linguagem simples e em forma de dialogo, por Brito Bethencourt.

Custa 200 réis cada exemplar.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento	6$000
Avulso	200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalèz.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal *Montjuich*, reproducção do extraordinario quadro de Firmin Sagristá — *Ultima visão.*

Está á venda em nossa redacção, a 100 réis.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ	
M. Gorki, *Os amassadores*	$200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario*	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi,	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200
EM HESPANHOL	
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal*	$100
EM ITALIANO	
Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300
EM FRANCEZ	
Les Prisons, Pierre Kropotkine,	$300
L'Esprit de Révolte "	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes*	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans*	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *La Morale Anarchiste*	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un Philosophe avec la marechale*	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien*	$100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

Só podemos attender os pedidos que venham aconpanhados da respectiva importancia.

FOLHETIM DA LANTERNA

(38) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(**Especialmente traduzido para** *A Lanterna*)

XXX

PATRIA E INTERESSES

senhor caíra no laço como os outros habitantes do Archipélago. Inventou-se logo uma lenda que converteu em heroes o cura de San-Diego e o alferes da guarda civil. O proprio general, que no meio da sua bonhomia era um homem aproveitado, tratou de tirar partido do malfadado caso. Telegraphou para a península dizendo que na aldeia de San-Diego, proximo da capital, se levantára uma numerosa guerrilha, felizmente dissolvida graças á boa organização do exercito e a revelações que elle pessoalmente recebera em sua recente excursão; ao mesmo tempo enviava uma longa lista, propondo recompensas para seus amigos e apaniguados.

Em quanto uma parte da população vislumbrava cruzes, condecorações, empregos e dignidades, via a outra levantar-se no horizonte uma nuvem carregada, em cujo fundo se desenhavam negras silhuetas, grades e grilhetas, e ainda o fatídico pau da forca.

Nos conventos reinava a maior agitação. Entravam e saíam sem cessar carruagens com os provinciaes, que celebravam entre si conferencias secretas. No palacio de Malacañán não se interrompiam por um momento as visitas de conspícuas personagens e frades de todas as castas que iam offerecer o seu apoio *ao Governo que corria gravíssimo perigo*,

— Um *Te Deum*, um *Te Deum!* — dizia um franciscano; — desta vez ninguem falte no coro! Não é pequena bondade de Deus mostrar, precisamente nestes momentos de impiedade, quanto valemos nós.

— Com esta liçaozinha ha de estar mordendo os beiços o generalete Mau-Agouro — respondia outro.

— Que seria delle sem as Ordens religiosas!

— E para melhor celebrar o triumpho, avisem o irmão cozinheiro e o procurador... *Gaudeamus* por três dias!

— Amen! Amen! Viva Salvi!

— Vivaa!

Noutro convento falava-se de modo diverso.

— Vêdes? E' um alumno dos jesuitas; do Atheneu é que saiem os flibusteiros — dizia um frade.

— E os anti-religiosos.

— Eu já o disse: os jesuitas perdem o país, corrompem a juventude; mas são tolerados porque teem fama de sabios e annunciam os terramotos...

— Qualquer indio os prognostica.

— Hão de ver como lucram os pescadores de aguas turvas. Já os jornaes estão a pedir pouco menos do que uma mitra para o padre Salvi.

— E dão-lh'a! Dão-lh'a com certeza!

— Acha que sim, irmão?

— Decerto. Hoje por qualquer coisa a dão.

Estas e outras coisas mais se diziam nos conventos. Conduzamos agora o leitor a casa dum particular, para que forme uma ideia cabal da impressão produzida em Manila pelo famoso *levante* de San Diego.

No rico e espaçoso salão de sua casa de Tondo, está o capitão Tinong, sentado numa poltrona, passando a mão pela testa com ar de desconsôlo, em quanto sua esposa, a "capitana" Tinchang, chora e ralha-lhe diante das duas filhas, que ouvem a um canto commovidas e em silencio.

— Ai! Virgem de Antípolo! Ai! Virgem do Rosario e da Correia! Estamos perdidos! — gritava a mulher.

— *Nanay!...* — exclamou a mais joven das filhas.

— Eu bem to dizia! — continuou a mulher em tom de recriminação. — Bem to dizia eu! Valha-nos Nossa Senhora do Carmo!

— Mas se tu nada me disseste! ousou replicar o capitão Tinong. — Pelo contrario, aconselhavas-me a frequentar a casa e a conservar a amizade do capitão Tiago porque era rico, e até me disseste...

— O quê? Que é que eu te disse? Eu não te disse isso, não te disse coisa alguma! Ah! se tu me tivesses dado ouvidos!...

— Agora atiras a culpa para mim! — redarguiu em tom amargo o marido, dando uma palmada no braço da poltrona. — Não me dizias que o devia convidar para jantar comnosco? Ora vamos!

— E' verdade que te disse isso, porque não fazias senão gaba-lo: Ibarra para aqui, Ibarra para ali, Ibarra para acolá. Mas não te aconselhei que fosso a casa de todo bicho careta, vangloriando-te da sua amizade.

O capitão Tinong não soube que responder.

A esposa, não contente com esta victoria, quiz aniquila-lo e increpou-o, acercando-se com os punhos cerrados:

— Para isso andei eu trabalhando annos e annos? para que tu com as tuas asneiras deites a perder o fructo das minhas fadigas? Agora virão prender-te para te desterrarem, despojando-nos dos nossos bens. Ah! se eu fosse homem, se eu fosse homem!

E vendo que seu marido baixava a cabeça, começou a soluçar, mas sempre repetindo:

— Ah! se eu fosse homem! se eu fosse hemem!

— Se fosses homem — perguntou por fim o marido, irritado, — que farias?

— Que faria? Hoje mesmo me apresentaria ao Capitão general, para me offerecer para ir combater contra os insurrectos!

— Então não lêste o que diz *El Diario?* Lê! "A traição infame e bastarda foi reprimida com energia e em breve os inimigos da patria e seus cumplices hão de sentir todo o peso e severidade das leis..." Vês? Já acabou tudo!

— Não importa; deves apresentar-te, como fizeram em 72.

— Sim! Tambem o fez o padre Burg...

Mas não pôde concluir a palavra; a mulher correu para elle e tapou-lhe a bocca.

— Pronuncia esse nome para amanhã mesmo te enforcarem em Bagumbayan! Não sabes que basta pronuncia-lo para ser condemnado sem formação de culpa?

Quatro ou cinco horas depois numa reunião de gente com pretenções, intra-muros, commentavam-se os acontecimentos do dia. A assembleia era constituida por velhas solteironas e casadas, mulheres ou filhas de empregados, vestidas de bata, abanando-se e bocejando. Entre os homens havia um senhor de idade, baixinho e maneta, a quem tratavam com muita consideração e que mantinha, quanto aos outros, um silencio desdenhoso.

— Para dizer a verdade, eu antes não podia soffrer os frades e os guardas civis, por serem tão malcriados — dizia uma senhora gorda; — mas agora que vejo a sua utilidade e serviços até me casaria gostosamente com qualquer delles. Eu sou patriota!

— Eu digo o mesmo! — ajuntou uma fraca. — Que pena não termos o anterior governador!... Aquelle deixaria o país limpo como uma patena!

— E a ralé dos flibusteirinhos acabaria!

— Não dizem que ainda ha muitas ilhas despovoadas? Porque não deportam para lá todos esses indios malucos? Se fosse eu o governador!...

— Minhas senhoras — disse o maneta; — o capitão-general sabe o seu dever; segundo ouvi dizer, está muito irritado, pois cumulara de favores esse Ibarra.

— Cumulara de favores! — repetia a fraca, abanando-se furiosa. — Olhem que ingratos são estes indios! Podem porventura ser tratados como gente? Jesus!

— E sabem o que ouvi dizer? — perguntava um militar.

— Diga, diga!

— Que foi?

— Que dizem?

— Pessoas fidedignas — disse o militar no meio do maior silencio — asseguram que todo aquelle barulho de levantar uma escola era pura historia.

— Jesus! Os senhores vêem? — exclamaram ellas em côro.

— A escola era um pretexto; o que queriam era levantar um forte, para poderem defender-se bem quando fossemos ataca-los...

— Jesus! que infamia! Só um indio é capaz de ter tão cobardes pensamentos — exclamava a gorda. — Se fosse eu quem mandasse, haviam de ver... haviam de ver...

— Eu digo o mesmo! — gritava a fraca para o maneta. — Prendia todos os advogadinhos e padrecas indios, e sem formação de culpa desterrava os para as Carolinas. Arrancava o mal pela raiz!

— Pois dizem que o tal flibusteirote é descendente de hespanhoes! — observou o maneta sem olhar para ninguem.

— Decerto! exclamou imperterrita a gorda. — Haviam de ser então os crioulos! nenhum indio entende de reveluções! Cria corvos... cria corvos...

— Sabem o que ouvi dizer? — perguntou uma crioula para levar a conversa para outro terreno. — A mulher do capitão Tinong... Lembram-se? Aquelle em casa de quem dansámos e ceámos na festa de Tondo...

— Aquelle que tem duas filhas?... Que fez?...

— A mulher acaba de presentear esta tarde o governador com um anel do valor de mil pesos!

O maneta voltou-se rapidamente.

— Deveras? e porquê? — perguntou elle com olhos brilhantes de cubiça.

— A mulher apresentou-o como presente de natal!...

— Mas se para o natal ainda falta um mês...

— Decerto receia que lhe caia em cima o aguaceiro, — observou a gorda.

— E trata de se obrigar — ajuntou a fraca.

— Satisfacção não reclamada, culpa confessada.

— Nisso estava eu pensando; a senhora pôs o dedo na chaga.

— Ha de ser isso — observou pensativo o maneta; — receio que haja gato encerrado.

— Gato encerrado, isso, isso mesmo ia eu dizer — repetiu a fraca.

— E eu — disse outra, cortando-lhe a palavra; — a mulher do capitão Tinong é muito avarenta... ainda não nos presenteou nenhum, apesar de termos estado em casa della. Quando uma agarrada e cubiçosa larga um presente de mil pesos...

— Mas isso é certo?

— Certissimo! Disse-o a minha prima o noivo della, ajudante do general. E estou em crer que é o mesmo anel que a filha mais velha trazia no dia da festa. Anda sempre cheia de brilhantes!

— Parece um escaparate ambulante!

— Um modo de fazer *réclame* como qualquer outro.

O maneta abandonou a reunião allegando um pretexto.

E duas horas depois, quando já todos dormiam, receberam a visita da guarda civil... A autoridade não podia consentir que certas pessoas de posição e de dinheiro dormissem em casas tão mal guardadas. Na fortaleza de Santiago e outros edificios do governo seria o somno mais tranquillo e reparador. Entre essas pessoas favorecidas estava incluido o infelis capitão Tinong.

Esquecera-se de mandar outro anel de mil pesos ao maneta da reunião, o qual pelo visto era algum importante membro da justiça!...

XXXI

O CASAMENTO DE MARIA CLARA

O capitão Tiago estava muito contente. Durante toda aquella terrivel temporada ninguem se occupara delle. Não o tinham encarcerado, nem submettido a incommunicações, interrogatorios, machinas electricas, pediluvios continuos em habitações subterraneas e outros processos profusamente empregados naquella occasião por pessoas que se consideravam civilizadas. Os seus amigos, isto é, os que o tinham sido (pois o nosso homem renegara os seus amigos filippinos desde que estes se tornaram suspeitos para o governo), tinham voltado tambem

(Continúa).